

PARTE I

EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE
NOS PROCESSOS EDUCATIVOS
DO ENSINO BÁSICO



**Escolas das Águas no Pantanal:
uma experiência de valorização da
diversidade cultural e ambiental por meio
da educomunicação**

Patrícia H. Zerlotti

1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho propomos refletir sobre uma experiência de educomunicação realizada com um grupo de professores e alunos de pequenas Extensões Escolares da área rural do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Por meio da utilização de ferramentas da comunicação, buscou-se trabalhar as questões ambientais e culturais das comunidades ribeirinhas do Pantanal com o objetivo de oferecer novas práticas de ensino-aprendizagem para os professores e valorizar os conhecimentos e a cultura dos alunos.

A experiência aqui analisada foi desenvolvida durante a execução de um Projeto¹ socioambiental com as comunidades tradicionais pantaneiras. Para fazer as reflexões fizemos um recorte do projeto utilizando apenas as atividades e as informações levantadas no componente de educação, que ofereceu curso de formação continuada aos professores e oficinas de comunicação e arte aos alunos.

Com a dificuldade de o professor não ter o conhecimento sobre a realidade do aluno, foi realizado um curso com os mesmos para aprofundarem os conhecimentos de biologia e de ecologia do Pantanal, comunicação e educação ambiental. Para os alunos foram oferecidas oficinas de rádio, jornal escolar, fotografia e teatro, onde puderam expressar de diferentes maneiras suas opiniões e conhecimentos, com o objetivo de promover a valorização do seu saber e da cultura local, auxiliando a aprendizagem dos professores.

Os referenciais teóricos que norteiam as reflexões nesse trabalho são dos autores Candau (2005), Zeichner (1993), Freire (1996), Freinet (1974), Ijuim (2005) e Soares (2001, 2004). Com Candau tratamos da importância do professor desempenhar uma abordagem intercultural na escola, reforçando com Zeichner a relevância de considerar o contexto local da escola e dos alunos no ensino-aprendizagem. No diálogo com Freire abordamos o conceito da educação problematizadora que busca ensinar o aluno a ser sujeito e assim transformar a realidade em que vive. Freinet e Ijuim nos trazem a importância e o significado da ferramenta de comunicação, mas especificamente o jornal escolar, e com Soares analisamos os resultados alcançados por meio do conceito da educomunicação.

1 O componente de educação do Projeto ganhou o Prêmio Paulo Freire de experiência inovadora organizado pelo Programa de Apoio ao Setor Educacional do Mercosul (PASEM). A proposta completa está disponível no <<http://www.pasem.org/experiencia/NjU=&lang=pt>>.

2. CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

A Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões, as “Escolas das Águas”, lócus desse experimento, está situada no Pantanal sul-mato-grossense, um bioma conhecido internacionalmente por ter um elevado grau de diversidade biológica e conservação ambiental.

O Pantanal está localizado na Bacia do Alto Paraguai (BAP), sendo o rio Paraguai seu principal tributário. Sua extensa área inundável e seus afluentes formam o Pantanal Mato-Grossense, uma das maiores áreas úmidas do mundo, com 138.183 km². Sua localização abrange os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em território brasileiro, e uma pequena área em terras bolivianas e paraguaias (CALHEIROS e OLIVEIRA, 2010).

O bioma pantaneiro é uma região peculiar não só por suas belezas naturais, mas também pelo papel que desempenha na conservação da biodiversidade. Devido a suas características, o bioma está dividido em 11 sub-regiões, onde são consideradas as diferenças hídricas, de solo e flora. O equilíbrio ecológico do ecossistema depende do regime das águas – ciclo de cheias e secas.

A região é habitada por pecuaristas, peões, assentados, pescadores e ribeirinhos que sobrevivem dos recursos naturais. As fazendas, sítios e comunidades estão localizados nas diferentes sub-regiões do Pantanal e em alguns locais só é possível chegar após algumas horas de barco.

As famílias de ribeirinhos habitam as margens do rio Paraguai, no meio do Pantanal detêm conhecimento empírico que propicia um entendimento diferenciado do ambiente pantaneiro. Um acúmulo de saberes que só a permanência no lugar, ao longo de gerações, pode propiciar e que precisa ser valorizada.

Para atender a demanda educacional das crianças que moram no Pantanal - MS, a Secretaria Municipal de Educação de Corumbá criou a Escola Municipal Rural - Polo Porto Esperança e Extensões. As “Escolas das Águas, como são denominadas informalmente por todos, foi oficializada em abril de 2005. A Escola é composta por uma Unidade Polo – sediada no Distrito de Porto Esperança, há 95 km de Corumbá – e 10 Extensões Escolares que estão distribuídas nas sub-regiões do Pantanal do Paraguai e do Paiaguás.

A comunicação entre a Direção da Escola, sediada em Corumbá, e as Extensões é feita através de telefone celular rural, da fazenda ou vizinhos, telefone público ou internet via satélite. Atualmente, quatro escolas têm acesso a internet.

Devido às distâncias, os professores das “Escolas das Águas” têm um regime de trabalho diferenciado dos demais professores da zona urbana e rural, porque precisam morar nas Extensões Escolares durante o período das aulas. Retornam para suas casas, em Corumbá, ao final de cada bimestre e permanecem na cidade por uma ou duas semanas. Nesse período, têm compromissos escolares, como entrega de notas e relatórios, elaboração de planejamento do próximo bimestre, cursos, entre outros.

É importante ressaltar que para o professor essa é uma realidade nova e totalmente diferente da qual está habituado. A maioria dos professores é licenciada em Pedagogia e alguns têm formação em Letras, História, Educação Física e Geografia.

O perfil desse profissional, conforme orienta o Projeto Pedagógico da Escola, deve ser de um educador que compreenda a diversidade cultural das regiões em que atuará sem interferir moralmente nas ações da comunidade; tenha disponibilidade para morar na extensão, cumprir as normas de rotina da Unidade e vir à cidade aos finais de cada bimestre letivo. (CORUMBÁ, 2011).

A população estudantil das “Escolas das Águas” é composta por cerca de 300 alunos, sendo filhos de peões, aposentados, pensionistas, professores, pescadores profissionais, pilotos, militares, ribeirinhos entre outros. Devido a dificuldade de acesso, muitos dos alunos são atendidos em regime de internato, retornando para casa de seus familiares a cada 15 dias e/ou no final de cada bimestre. A idade dos alunos varia entre seis e 18 anos.

Outra característica singular é que as “Escolas das Águas” são o primeiro espaço institucional de ensino conhecido por eles e, às vezes, o único. A casa e a escola constituem o principal espaço de convivência para as crianças e as brincadeiras desenvolvidas estão relacionadas com o ambiente natural e com as atividades desenvolvidas pelos adultos, especialmente, por seus pais. Elas participam de todos os momentos da vida da comunidade, no trabalho, em casa, no lazer e nas atividades religiosas (ZERLOTTI et al.,2010).

Essa relação com o ambiente natural e a convivência próxima com o dia a dia dos adultos torna os alunos possuidores de saberes locais. De acordo com Cunha (1999) pode-se entender saber local como aquele sendo de origem local, num espaço geográfico particular, produzido por seus habitantes, a partir de suas experiências cotidianas com o meio ambiente e das relações sociais. Eles são transmitidos oralmente, através da imitação e da demonstração e sofrem modificações e renovações em função dos diferentes acontecimentos da história.

Em síntese, são conhecimentos específicos da localidade que ajudam na sobrevivência e fazem parte da cultura diferenciada dos alunos das águas.

3. A DIVERSIDADE CULTURAL NO CURRÍCULO ESCOLAR

A sociedade mundial está composta por diferentes culturas. Essa diversidade cultural, cada vez mais presente nas diferentes sociedades, tem se cruzado, como apresenta Candau (2005), com problemáticas de caráter político, social, econômico, artístico, tecnológico, religioso e educativo. E no espaço escolar não é diferente. A escola não está isenta desse processo e o professor está desafiado a desenvolver suas práticas pedagógicas em uma sala de aula multicultural, com a presença de alunos de diferentes visões de mundo.

É neste universo complexo e dinâmico que a perspectiva intercultural da educação busca formas de promover uma interação entre o saber escolar com os saberes sociais e culturais dos alunos.

Candau (2005) apresenta algumas possibilidades de ações com a finalidade de superar esse desafio e promover uma educação intercultural na perspectiva crítica e emancipatória. São elas: desconstruir, articular, resgatar e promover.

Para a autora, a ação “desconstruir” está relacionada com a necessidade de ver a nossa sociedade exatamente como ela é, com um caráter desigual, discriminador e racista. É preciso questionar este perfil monocultural e etnocêntrico da escola e das políticas educativas e, também, os critérios utilizados para selecionar e justificar os conteúdos escolares.

Em relação a ação “articular”, propõe-se trabalhar a igualdade e a diferença nas políticas e nas práticas pedagógicas de maneira igualitária, beneficiando a todos.

A ação de “resgatar” está relacionada a recuperar os processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como no coletivo.

A ação de “promover” abrange diferentes aspectos, como a promoção de experiências sistemática de interação com os “outros”; formular projetos/propostas que promovam o diálogo e a construção entre as diferentes pessoas/grupos; reconstruir a dinâmica educacional, ou seja, tais projetos não devem ser pontuais ou realizados em momentos específicos e, principalmente, essas atividades devem promover o empoderamento dos sujeitos, orientando justamente, aqueles que tiveram menos poder na sociedade, ou seja, menos influência nos processos coletivos (CANDAU, 2005).

Um estudo apresentado por Canen (1997) mostra que a diversidade cultural do aluno é frequentemente ignorada nas práticas pedagógico-curriculares desenvolvidas pelos professores. Tal fato aponta para a necessidade da formação de um professor criticamente comprometido para compreender e valorizar a diversidade cultural dos seus alunos e suficientemente competente para pautar sua ação pedagógica a partir deste universo cultural.

Ainda pensando nas atribuições deste professor no contexto multicultural, Zeichner (1993, p. 86) ressalta que uma das funções é o de “facilitar a entrada, na sala de aula, de elementos culturais que são relevantes para os alunos”. O autor assinala que, para o professor construir essa ponte e reger as aulas seguindo o princípio da inclusão, é preciso que tenha, entre outros saberes, o saber “sociocultural”, isto é, os conhecimentos acerca das especificidades das culturas e particularidades dos seus alunos.

4. AS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO NAS “ESCOLAS DAS ÁGUAS”

Após um ano de trabalho com as “Escolas das Águas” foi possível perceber que não havia integração entre as Extensões Escolares, tampouco entre os alunos. Os professores pouco se conheciam, apenas se encontravam nas reuniões realizadas pela direção escolar. Para tentar mudar essa realidade, causada principalmente pela distância física, foi proposto, em 2010, um projeto de formação continuada para os professores das águas, sendo um dos objetivos proporcionar a troca de

experiência entre eles e promover uma comunicação entre as Extensões Escolares por meio do uso de diferentes ferramentas da comunicação.

Essas atividades foram promovidas pelo Projeto Crianças das Águas – Pantanal: identidade e cidadania, coordenado e executado pela ONG ECOA², em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Corumbá – MS.

No início do ano letivo foram apresentadas aos professores as atividades de comunicação que poderiam ser realizadas, como: jornal escolar, rádio escola, troca de cartas entre os alunos das diferentes Extensões, exposição de fotografia itinerante e rádio-novela. Cada grupo de professores escolheu a atividade mais pertinente a sua realidade para desenvolver com os seus alunos. A única condicionante é que as atividades considerem a realidade ambiental e cultural da comunidade e as peculiaridades dos diferentes pantanais (paisagem, fauna, flora etc). O jornal escolar, denominado como Jornal Mural das Escolas das Águas, foi escolhido como objeto de reflexão do presente trabalho, devido a dois fatores, 1) foi a ferramenta de comunicação que melhor contribuiu para integração das Extensões Escolares, promovendo a troca de informações e a valorização cultural; 2) houve interesse inicial e crescente dos professores e alunos.

4.1 Jornal Escolar: conceitos e reflexões

Célestin Freinet na França (1974) já imprimia seus jornais no início do século XX, época em que os educadores encontravam enormes dificuldades materiais e políticas para executar seus projetos. Hoje, apesar de termos a tecnologia digital para facilitar o trabalho docente, ainda temos regiões isoladas no país, como as “Escolas das Águas”, onde o acesso aos recursos tecnológicos é limitado. Mas tal dificuldade não desmotivou as escolas a produzirem seus jornais, pelo contrário, motivou porque enxergavam como uma ótima oportunidade de aprendizagem.

Não devemos esquecer que, [...], o que tanto as crianças como os adultos procuram no jornal escolar não é a informação, que é muito mais rica e exata nos livros e nas revistas, mas a vida da criança, as suas reações perante o mundo, as suas hesitações, os seus temores e os seus triunfos. (FREINET, 1974, p. 35)

.....
2 A ECOA é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, fundada 1989 em Campo Grande-MS. Ela atua no território do Pantanal com a missão de conservar o ambiente natural e melhorar a qualidade da vida das comunidades ribeirinhas. Mais informações estão disponíveis no endereço <www.ecoa.org.br>

Com este objetivo e na busca de atender a concepção da educação problematizadora de Paulo Freire (1996), a qual traz que o dever da escola não é o de simplesmente ensinar a ler e escrever, mas sim ensinar o aluno a fazer uma releitura do mundo, refletir sobre a realidade existencial, para se transformar como sujeito e assim transformar a realidade em que vive. Utilizamos o jornal escolar por ser um instrumento pedagógico interdisciplinar eficiente para o desenvolvimento de reflexões sobre os mais diversificados assuntos que envolvem a sociedade. Segundo Ijuim (2005), o jornal escolar desenvolve a autonomia, a criatividade, o conhecimento do aluno e estimula a formação de opinião.

Outro fator que nos levou a optar pela escolha do jornal escolar está na motivação que esta ferramenta provocaria nos alunos por ser algo novo e por tratar da realidade local. Zeichner (1993) assinala que ao trabalhar a cultura e o contexto local, os alunos se sentem valorizados e motivados a desenvolverem as atividades propostas.

Freinet (1974), em sua obra, explica os diversos tipos de jornal escolar que são produzidos. Dentre esses, fala das vantagens dos jornais que são produzidos nas escolas das aldeias, pelo fato dos alunos estarem mais bem integrados com o meio do que a escola urbana. Pelo fato de terem pouco acesso aos meios de comunicação, ainda, não estão contaminados. “As crianças são menos deformadas, menos despersonalizadas; o jornal escolar é para elas uma iniciativa séria, de que sentem os objetivos e os resultados”. (ID., p. 35)

As oficinas de jornal escolar realizadas pelo projeto não tinham apenas a finalidade de ensinar técnicas de comunicação para alunos e professores, a proposta ia além: era realizada com enfoque de que as informações ali produzidas eram de extrema importância, porque foram escolhidas pelos alunos, falavam sobre a realidade da comunidade, evidenciava a cultura vivenciada, além de serem inéditas, e por esses motivos deveriam ser compartilhadas com todos os alunos e professores das “Escolas das Águas”. Esse entendimento é reforçado pelo trabalho realizado por Freinet (1974, p. 26), quando afirma que “os nossos jornais não pretendem fazer demonstrações nem fazer inquéritos. Contêm apenas elementos da vida, traduzidos em páginas de vida”.

Em todos os nossos jornais escolares de crianças até aos dez ou doze anos, predomina o carácter afectivo. A criança, mesmo quando descreve, associa intimamente as suas reacções, as suas sensações e os seus sentimentos à narrativa que destina ao seu jornal. (Id., p. 33)

Em um ano foram produzidas cinco edições do Jornal Mural, sendo que cada um foi elaborado por uma Extensão Escolar diferente. Todo o processo de criação do jornal, como as editorias e os temas abordados, foram decididos de forma participativa com os alunos. Os menores que ainda não sabiam escrever participaram com a produção de desenhos.

As edições produzidas trouxeram informações sobre a escola e a comunidade na qual estava inserida. Os assuntos tratados variaram entre meio ambiente, cultura, culinária, poesia e esporte. Após a finalização dos textos, os alunos construíam com recortes de revistas, o boneco do Jornal Mural. Por falta de tempo e recursos tecnológicos, não era possível concluir o jornal na escola, sendo assim, toda produção era finalizada pelo profissional responsável por ministrar a oficina. Posteriormente, eram impressas 11 cópias (figura 1), com formato 80 x 60 cm, e entregue à Secretaria Municipal de Educação de Corumbá para que fosse feita a distribuição nas Extensões Escolares.

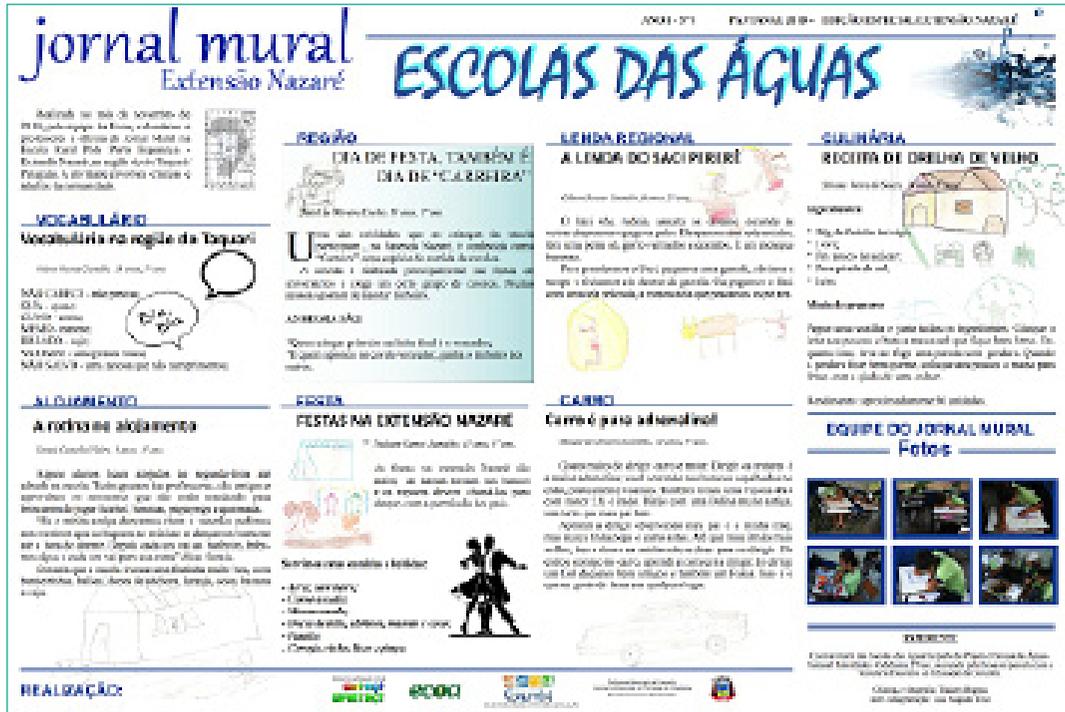


Figura1 – Jornal Mural produzido pela Extensão Escolar.

4.2 Educomunicação: reflexões e resultados

Na busca por refletir sobre o trabalho desenvolvido nos baseamos na definição de educomunicação apresentada pelo professor Ismar de Oliveira Soares (2000, p. 63). Trata-se de um conjunto de práticas voltadas para a formação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos em espaços educativos, mediados pelos processos e tecnologias da informação, tendo como objetivo a ampliação das formas de expressão dos membros das comunidades e a melhoria do coeficiente comunicativo das ações educativas, tendo como meta o pleno desenvolvimento da cidadania.

A proposta do Jornal Mural nas “Escolas das Águas” era de preencher uma lacuna promovendo a troca de informações entre professores e alunos e apresentar aos professores outras possibilidades de ensinar, valorizando a identidade local e a formação cidadã. Apesar de atingir resultados positivos, porque tanto alunos como professores gostaram de participar da proposta e alguns conseguiram dar continuidade na elaboração do jornal em sua Extensão Escolar, vemos que ainda não foi possível, manter de fato, um ecossistema comunicativo nas “Escolas das

Águas”. Apesar da integração, entre os professores, ter melhorado, persiste uma comunicação vertical entre direção-professor; professor-aluno e, ainda, são poucas e frágeis as relações entre as Extensões Escolares.

Ao analisar o porquê dessa fragilidade identificamos como possíveis causas, a precariedade da infraestrutura, os professores alegam a falta de recursos tecnológicos e a alta rotatividade dos educadores dificulta a continuidade das ações. Também o fato da proposta ser realizada como um projeto pontual e não como algo a ser incluído no currículo escolar.

Considerando os procedimentos da educomunicação explicitada por Soares (2004), podemos dizer que conseguimos com a experiência do Jornal Mural das “Escolas das Águas” atingir resultados conforme preconiza a concepção da educomunicação.

Apresentamos como primeiro resultado “o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo” (SOARES, 2004, p. 2). Com a produção dos jornais os alunos puderam entender, na prática, que possuem voz, e o que têm a dizer é importante para toda comunidade escolar. Para os professores não foi diferente, pois ao verem a produção de seus alunos na parede da escola se sentiram fortalecidos, por terem seu trabalho reconhecido e concretizado de alguma maneira.

Todos os membros da comunidade escolar, como alunos, professores e a direção, foram envolvidos no processo de elaboração e distribuição do Jornal Mural. A construção participativa, desde o planejamento, é outra referência da educomunicação.

A princípio não estava no planejamento a participação das famílias, no entanto, elas foram convidadas pelos professores, a visitar as Extensões Escolares para lerem o jornal. Sendo assim, o Jornal Mural atingiu toda comunidade escolar (alunos, professores, coordenadores e pais).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da execução do Jornal Mural demonstrou que é possível desenvolver ações de educomunicação nas “Escolas das Águas”, pois mesmo com

poucos recursos alunos e professores participaram e se dedicaram para que o jornal fosse construído. Pela primeira vez foi criado um canal de comunicação nas “Escolas das Águas” que ultrapassou a comunicação vertical e autoritária. O veículo promoveu o diálogo e a interação entre aluno-aluno, professor-aluno, professor-professor, aluno-comunidade escolar. Acreditamos que o diálogo aluno-comunidade externa não foi atingido como deveria, pois a comunidade externa participou apenas como receptor. Mas a experiência aponta que essa relação pode ser explorada.

A relação aluno-professor rompeu com o papel tradicional de enunciador (professor) e receptor (aluno) como figuras imutáveis e inflexíveis. Nesta produção, quem tinha algo a dizer e a ensinar era o aluno. O papel do professor era de intermediar, estabelecer um diálogo, uma comunicação com a realidade e a subjetividade dos alunos, seguindo o conceito de educação problematizadora de Paulo Freire (1996).

É importante que o professor conheça a história sociocultural do aluno, aliado ao contexto da sala de aula e da comunidade em que a escola está inserida. O Jornal Mural proporcionou esta aproximação do professor com a realidade do aluno, eles puderam aprender sobre os costumes da comunidade local e alguns problemas ambientais, assuntos esses que podem ser desenvolvidos em sala de aula, posteriormente, em diferentes disciplinas. Apesar das atividades terem funcionado apenas em um ano letivo, a experiência aponta que algumas técnicas de comunicação podem ser exploradas em salas de aula com a finalidade de trabalhar a diversidade cultural e ambiental.

Na proposta desenvolvida, o Jornal Mural se mostrou uma ferramenta eficaz de interação entre alunos, professores e escolas, promovendo o diálogo entre as diferentes culturas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAUI, Vera Maria. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: _____ (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13-37.

CALHEIROS, Débora Fernandes; OLIVEIRA, Márcia Divina. **O rio Paraguai e sua planície de inundação: o Pantanal Mato-Grossense**. *Ciência & Ambiente*, Porto Alegre, n. 41, p. 113-130, jul./dez. 2010.

CANEN, Ana. Formação de professores e diversidade cultural. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 205-236.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Populações tradicionais e a convenção da diversidade biológica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 147-163, mai./agosto. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n36/v13n36a08.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

CORUMBÁ. Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões. **Proposta Político Pedagógica**. Corumbá, MS: EMRPPEE, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREINET, Célestín. **O jornal escolar**. Trad, Filomena Quadros Barros. Lisboa: Estampa, 1974.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal Escolar e Vivências Humanas: um Roteiro de Viagem**. Bauru: Edusc; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos**. *Revista ECCOS*. São Paulo: Centro Universitário Uninove. V 2. a. 2 dez. 2000. p 63-64. Disponível em: <<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/view/225>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

_____. **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-ECA/USP). São Paulo: NCE-ECA/USP, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

ZEICHNER, Kenneth, M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Educa Professores, 1993.

ZERLOTTI, Patrícia Honorato; AMÂNCIO, Christiane; COSTA, Kelly da; ZANATTA, Silvia Cristina Santana. **Diagnóstico das Comunidades das Águas**: Porto da Manga, Baía do Castelo, Paraguai-Mirim e Barra do São Lourenço. Campo Grande: Ecoa, 2010.

•● A AUTORA ●•

Patrícia Honorato Zerlotti é mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2014), especialista em Planejamento e Gestão Ambiental pela UNAES (2006), graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001) e graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Atualmente é assessora parlamentar e membro da equipe de coordenação do processo formativo Escolas Sustentáveis e Com-Vida da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.